

Figura 3. Kaapora. Olinda Muniz Wanderley, 2020.

A fala de Kaapora e a força do manto emergem desde os remanescentes da Mata Atlântica no Nordeste. Podemos imaginar a região sul da Bahia como um grande território indígena usurpado, mas de presença e ação indígena constante. Não muito distante dos Tupinambá, chegamos a Terra Indígena Caramuru-Paraguassu. Um pedaço importante de Mata Atlântica reservada pelo Serviço de Proteção aos Índios (SPI), em 1926, para grupos de recente contato e outros de contato desde os tempos coloniais, cujos aldeamentos haviam sido extintos ainda no século XIX.

O esbulho é uma marca da região sul da Bahia, tanto no caso Tupinambá, como no caso Pataxó Hãhãhã. Os 30 anos de luta em forma de ciclos de retomadas de terras garantiram aos Pataxó Hãhãhã a integralidade dos 54.000 hectares (SOUZA 2019), que haviam sido demarcados em 1938, 12 anos após a criação da reserva. A demarcação à época veio como resposta aos interesses dos poderosos que ambicionavam uma parcela da reserva criada pelo SPI na década anterior, na medida em que os seus limites eram menores que a área inicialmente reservada. Em um tempo de muita dificuldade onde o povo vivia numa pequena parcela de um território degradado, mas também onde se delineavam requintadas estratégias de luta e resistência, com a expulsão de mais 300 invasores, nasceu e cresceu a cineasta Olinda Muniz Wanderley, ou Olinda Yawar. Apesar do seu pertencimento à Terra Indígena Caramuru-Paraguassu, do Povo Pataxó Hãhãhã, de origem Tupinambá, o tronco de seus ancestrais, ou sua aldeia de origem está no território Tupinambá de Olivença (SOUZA 2019). E foi ali, vivenciando e observando as retomadas, que ela desenvolveu uma crescente reflexão crítica e artística sobre o mundo. Assim como Glicéria e seu parente Manto, a encantada Kaapora retorna para encontrar Olinda e através da arte da sua parenta vem nos falar de equilíbrio. Nessa extraordinária obra audiovisual realizada durante a pandemia, a entidade Kaapora manifesta:

Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, e5937, maio 2022.

<https://doi.org/10.18617/liinc.v18i1.5937>

17/21

Essa pandemia, assim como as outras, vem de sua hostilidade com os outros seres vivos. Uma vem de morcegos com os quais vocês

não deveriam ter tido contato, mas vocês foram lá na casa deles para a destruir. A mesma floresta que abriga muitos morcegos, também abriga uma infinidade de outros vírus, que irão ficar lá quietos, se não forem lá destruir a floresta. Mas vocês não aprendem com seus erros, e as florestas continuam sendo derrubadas, queimadas, e para atender a homens inescrupulosos que as querem transformar em números nos bancos. São os mesmos homens que enxergam aos indígenas como um empecilho, e a destruição destes povos como um efeito colateral. Por sinal, estes povos são os que melhor têm se comportado entre vocês, e as terras sob seus cuidados são as mais bem preservadas no planeta. As florestas que são destruídas têm seus espaços roubados para a produção de soja, que vai servir para alimentar animais que vocês confinam em sofrimento para engordar as contas bancárias de seus donos. E esses donos são apenas peças desta civilização predatória que, quando finalmente conseguir acabar de vez com a calma, irá perceber que dinheiro não se respira, não se come, e tampouco tem o poder de manter a sua existência. (do filme de OLINDA YAWAR, Equilíbrio, de 2020)

Na Mata Atlântica do sul da Bahia, onde teve início o processo de invasão, expansão militar europeia, conquista, colonização e devastação, castigada pela exploração que caracteriza a perversidade do Antropoceno, produzidas por uma “civilização predatória”, as insurgências das “forças da reprodução”, coletivas e pela vida, apontam caminhos onde as futuras gerações poderão ter a floresta, e a Terra, para viver. Com os territórios, com as árvores, com a floresta, plantando vida, plantando amor.

Felipe Milanez